

RESENHA

GATTO, John Taylor, **Emburrecimento programado: o currículo oculto da escolarização obrigatória.** Tradução Leonardo Araujo. Campinas, SP: Kírion, 2019.

Felipe Biasus

Psicólogo (URI). Mestre em Psicologia (UFSC).
Docente da URI Erechim. *E-mail:* febiasus@uricer.edu.br

Data do recebimento: 05/06/2022 - Data do aceite: 23/08/2022

Originalmente escrito em 1991, “Emburrecimento Programado: o currículo oculto da escolarização obrigatória” foi traduzido e publicado no Brasil somente em 2019. Apesar de a sua primeira edição em solo norte americano ter ocorrido há mais de 30 anos, o livro é atual para refletir a escola e a escolarização obrigatória, inclusive se considerarmos as discussões atuais sobre o *homeschooling*. Vejamos então, quem é John Taylor Gatto e o que seu livro - com um provocativo título - apresenta.

No ano da primeira publicação do livro, o autor estava no magistério há mais de 30 anos nos Estados Unidos, eleito professor do ano da cidade de Nova York nos anos de 1989, 1990 e 1991, sendo que em 1991 recebeu o mesmo título, mas do Estado de Nova York. Foi conferencista e autor de vários livros, entre eles “*Armas de instrução em massa: a jornada de um professor pelo mundo obscuro da escolarização obrigatório*” publicado no Brasil, em 2021, pela Editora Kírion. Seus livros tratam da educação moderna, criticando a ideologia, a história e as consequências da educação e escolarização obrigatória.

O livro em tela nesta resenha é composto por cinco capítulos, antecedidos pelo prefácio assinado por Thomas Moore; pela introdução

do editor da segunda edição em 2001 David Albert; da nota deste mesmo editor, na primeira edição de 1991 e uma referência sobre o autor. Após os cinco capítulos, apresenta o pós-fácio à edição de décimo aniversário escrito por Gatto, em 2002 e o posfácio do editor à edição de 2005, assinado por Chris Plant. Pode-se observar que ao longo dos 30 anos da primeira publicação, é considerada uma obra relevante para pensar a escolarização obrigatória dos Estados Unidos. Ainda que a obra problematize a escolarização obrigatória nos EUA, possibilita uma profunda reflexão sobre a escolarização brasileira.

O primeiro capítulo “*O professor de sete lições*” trata de um discurso do autor proferido na ocasião em que foi nomeado professor do ano do Estado de Nova York, em 1991. Nele evidenciam-se as sete lições que se ensina na escola:

- a. Confusão - esta lição evidencia que tudo que se ensina está fora de contexto, ensina-se a não-relação e desconexões. Tal confusão, segundo o autor, é “imposta às crianças por vários adultos que elas não conhecem, cada um trabalhando por conta própria com uma relação quase inexistente entre si, fingindo, em geral, uma especialidade que não possuem” (p. 43).

- b. Posição de Classe - essa segunda lição dá conta de ensinar aos alunos que gostem de ficar trancadas com outras crianças ou ao menos que suportem tal condição. Todos devem ficar em seus devidos lugares.
- c. Indiferença - na terceira lição, Gatto refere que ensina as “crianças a não se importarem muito com nada, embora seja desejável parecer que se importam” (p. 45); ele destaca que os alunos nunca passam por uma experiência completa, pois tudo é dividido em prestações, lição ensinada pelos sinais sonoros que marcam os tempos na escola.
- d. Dependência Emocional - nesta lição refere que através das práticas avaliativas e julgadoras ensinam-se as crianças a cederem sua vontade à “cadeia hierárquica adequada” (p. 46), afinal a individualidade é algo contraditório para fazer parte de sistemas de classificação, ou seja, extinguem-se a individualidade e criatividade. Em seu lugar imprime-se a dependência.
- e. Dependência Intelectual - a quinta lição segue a linha da dependência, mas evidencia a questão intelectual, ensina que se deve esperar outras pessoas, especialistas, darem sentido às vidas dos alunos, e assim crianças bem-sucedidas passam a ser aquelas que pensam aquilo que lhes é mandado pensar, sem resistência, sem questionamentos e, se possível, com entusiasmo. A lição aqui não é a criatividade, mas, o desenvolvimento da conformidade.
- f. Autoestima provisória - Essa lição ensina que “o respeito próprio de uma criança deve depender da opinião de um especialista” (p. 48), afinal os alunos são constantemente avaliados e julgados. Boletins, notas e provas indicam que as crianças não devem confiar em si mesmas ou em seus pais, mas, em vez disso, “deveriam confiar na avaliação de autoridades credenciadas”

(p. 49) que dizem o valor que as pessoas têm.

- g. Não é possível se esconder - Na última lição, ensina-se que todos estão sendo vigiados e observados constantemente pelos professores, inclusive em casa por intermédio do “dever de casa”.

Nas sete lições, Gatto aponta que não há necessidade em debater um currículo nacional, pois ele já existe embutido nelas e destaca “as escolas ensinam exatamente o que se pretende que ensinem, e fazem isso muito bem: como ser um bom egípcio e permanecer em seu lugar na pirâmide” (p. 52).

O segundo capítulo “*Escola psicopata*” é o discurso proferido, em 1990, quando recebeu o prêmio de professor do ano da cidade de Nova York, com um texto contundente, refere que “as escolas e a escolarização são cada vez mais irrelevantes nas empreitadas do planeta” (p. 58) e aponta que a escola é psicopata e sem consciência. Afinal, a criança é levada a parar o que está fazendo ao tocar de uma sineta, para iniciar outra atividade sem qualquer conexão com o que estava fazendo.

Como um ativista da educação em *homeschooling*, apresenta a divulgação de uma pesquisa de que crianças educadas em casa são, aparentemente, cinco ou dez vezes superiores quanto à habilidade de raciocinar. Além disso, indica que é preciso perceber que “a instituição escolar ‘escolariza’ muito bem, embora não eduque. [...] A culpa não é dos professores ruins ou da falta de investimentos. É simplesmente impossível que a educação e a escolarização sejam a mesma coisa” (p. 59). Ao longo do capítulo, discute diversos problemas da escolarização e evidencia efeitos nas crianças. Também aponta o que pode ser feito, destacando o autoconhecimento com uma base do conhecimento verdadeiro, bem como, a confiança nas pessoas e em suas capacidades. Além

disso, destaca a importância da vivência da singularidade e da autonomia, alicerçadas em sólidas relações familiares.

No terceiro capítulo “*O esverdeado Monongahela*”, o autor conta algumas histórias de sua infância e do seu jeito de fazer que promove desenvolvimento, crescimento e autonomia. Um fazer que sai do caminho da criança, dá tempo, espaço e respeito.

O quarto capítulo “*Precisamos menos de escola, não mais*” apresenta um conjunto de ideias muito bem articuladas, problematiza a escolarização obrigatória e destaca o que é fundamental para a educação, ou seja, favorecer a descoberta de um propósito gratificante para si mesmo, um sentido. Porém, tal promoção é impossível com as crianças trancafiadas e distantes do mundo real, por aproximadamente 12 anos de suas vidas.

O quinto e último capítulo “*O princípio congregacional*” pode ser compreendido como uma proposta possível para a educação e o desenvolvimento. Questionando a ideia de um pensamento global, defende as habilidades locais, o amor local, o conhecimento local e o desenvolvimento por intermédio da dialética. Nas últimas páginas desse capítulo, o autor anuncia o que pode ser feito em face ao poder destrutivo da escolarização.

Por fim, o livro de Gatto é uma obra - ainda que curta em extensão - profunda e contundente quanto à análise da escolarização obrigatória. Em tempos que o debate sobre a legalidade do *homeschooling* no Brasil toma cada vez mais corpo, temos uma excelente obra - antiga, mas atual - para refletirmos o futuro que estamos construindo. Indicada para pedagogos, psicólogos educacionais e estudantes de Pedagogia.

